

# Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt, a pioneira na cobertura de guerra no Brasil

MONICA MARTINEZ

Programa de Pós-graduação em Comunicação e  
Cultura  
Universidade de Sorocaba  
martinez.monica@uol.com.br  
ORCID: 0000-0003-1518-8379



história da correspondência jornalística de guerra é rica em narrativas que vão além dos eventos bélicos, abrangendo os contextos sociais, políticos e culturais que permeiam esses conflitos. Este artigo se propõe a explorar essa trajetória, destacando figuras muitas vezes esquecidas ou marginalizadas nos estudos acadêmicos, caso das mulheres jornalistas.

Knighthley (1978, 2014) considera que a correspondência jornalística de guerra teria começado no século XIX, quando o *The Times* londrino enviou William Howard Russell para cobrir a Guerra da Crimeia (1853-1856), península que fica no sul da Rússia e nos Bálcãs. No caso brasileiro, entende-se que os primeiros relatos de guerra teriam sido feitos cerca de uma década depois, durante a Guerra do Paraguai (1864-1870). Contudo, ainda não se tratava de cobertura jornalística como no cenário europeu. De fato, os primeiros “correspondentes” de guerra brasileiros teriam sido militares de letras, a saber, Joaquim José Inácio, futuro Visconde de Inhaúma; Antônio Luis von Hoonholtz, o futuro Barão de Tefé; e Alfredo d’Escragnole Taynay, o futuro Visconde de Taunay (Silva, 2011, p. 27). Estes militares enviaram despachos para a revista *Semana Ilustrada* (1876-98), a mais popular e importante revista ilustrada brasileira do período (Barbosa, 2013, p. 172). Aos nossos olhos hoje, os artigos eram de fato mais próximos da propaganda militar, visto que repre-

Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo

Monica Martinez, « Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt, a pioneira na cobertura de guerra no Brasil », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol Vol 13, n°1 - 2024, 15 juin - june 15 - 15 de junho - 15 de junio.  
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n1.2024.499>



sentavam uma perspectiva oficial de governo, e não de reportagens sobre a guerra. Já a visão autoral de Euclides da Cunha (1866-1909), o engenheiro que reporta o conflito de Canudos (1896-1897) para o jornal *O Estado de S. Paulo*, é fundamental para compreender a importância do livro resultante, *Os Sertões* (Cunha, 1963), que não por acaso se torna uma pedra angular dos estudos de jornalismo literário brasileiro. Lima explica que Cunha busca “compreender o perfil psicológico dos sertanejos – os camponeses do sertão que tão entusiasmaticamente seguiram Conselheiro e sua promessa messiânica – colocando grande ênfase no ambiente geográfico e seu efeito no temperamento e humor humanos” (Lima, 2011, p. 164).

De toda forma, o primeiro correspondente internacional brasileiro, de acordo com os termos que define a função atualmente (uma pessoa remunerada para fazer o trabalho de forma regular), teria surgido cerca de 65 anos depois da Guerra da Crimeia ou 22 depois de Canudos. Segundo Lins<sup>1</sup>, o mérito caberia a João do Rio, o pseudônimo jornalístico de João Paulo Alberto Coelho Barreto (1881-1921). O jornalista foi enviado pelo diário *O País* para cobrir a conferência do armistício da Primeira Guerra Mundial, em 1918, passando a escrever de forma contínua da Europa por oito meses (Silva, 2011, p. 29).

Um ano depois, em 1919, o magnata da imprensa Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô (1892-1968), ficou oito meses na Alemanha escrevendo sobre os países que haviam perdido a Primeira Guerra Mundial a convite de Edmundo Bittencourt, dono do jornal *Correio da Manhã*. Chateaubriand se destacaria como um influente homem público do setor das Comunicações do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960<sup>2</sup> (Morais, 1994).

Partindo da perspectiva proposta por Knightley (1978, 2014), e considerando o contexto brasileiro, nota-se que a evolução da prática jornalística internacional brasileira é marcada por nomes masculinos, como João do Rio e Assis Chateaubriand, que trouxeram uma nova dimensão à cobertura de eventos globais no país. A presença feminina na cobertura de guerra, embora tardia, é essencialmente significativa e alemães e filha, embora menos visível.

Mesmo no exterior, a cobertura de guerra feita por mulheres demora um pouco mais a surgir: ela teria ocorrido no século XIX, por meio das estadunidenses Jane Cazneau (1807-1878), correspondente do *New York Sun*, e Margaret Fuller (1810-1850), do *New York Tribune*. A primeira reportou o conflito entre México e Estados Unidos (1846), em despachos marcados por um estilo jornalístico seco e bem informado devido tanto à sua compreensão das ramificações políticas e

econômicas do conflito quanto por sua simpatia pelo povo. Já a segunda cobriu os tumultos da primeira guerra de independência italiana (1848-1849). Em comum, ambas mantiveram os despachos no anonimato: Cazneau era conhecida dos seus leitores por “Montgomery”, enquanto Fuller usava uma estrela ou asterisco para marcar sua produção jornalística na publicação (Roberson, 2011).

Na Segunda Guerra Mundial, a cobertura da imprensa brasileira como um todo foi mais robusta, tendo enviado uma quantidade maior de jornalistas para cobrir o conflito. Um deles foi o engenheiro e radialista brasileiro de ascendência britânica Francis Charlton Hallawell (1912-2004), que mais tarde escreveria o livro *Scatolettas da Itália: a BBC e as forças brasileiras -- 1944-1945* (Hallawell, 1946)<sup>3</sup>.

Mais conhecido pelo apelido de Chico da BBC, Hallawell foi um dos cerca de onze correspondentes de guerra brasileiros designados pela Força Expedicionária Brasileira (FEB) – como Alberto D. Abranches (*Jornal do Brasil*), Egidio Squeff (*O Globo*), Joel Silveira e José Barros Leite (*Diários Associados*), Rubem Braga (*Diário Carioca*), Rui Brandão (*Correio da Manhã*), Horácio G. Sobrinho e Tharsilo C. Nike, repórteres; Adalberto Cunha e Fernando S. S. da Fonseca, cinegrafistas (*Agência Nacional*) (Bento, 2014, p. 1). Este número, contudo, varia de acordo com a fonte. Leal Filho, por exemplo, registra apenas seis: Rubem Braga pelo *Diário Carioca*, Egídio Squeff pelo *O Globo*, Sylvio da Fonseca e depois Tassilo Mitke pela *Agência Nacional*, Raul Brandão pelo *Correio da Manhã* e Joel Silveira pelos *Diários Associados* (Leal Filho, 2008, p. 33).

O número de enviados subiria para 12 se considerarmos que em seu livro sobre o rádio brasileiro, *Francis Hallawell e a Segunda Guerra Mundial*, Esquenazi registra a presença de Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt (1896-1995), destacando que ela, como “correspondente da UP (*United Press*) e também colaboradora da BBC, (...) foi a única mulher a integrar o grupo de enviados brasileiros” (Esquenazi, 2014, pp. 145-146).

Embora a cobertura de guerra feita por mulheres jornalistas estrangeiras também seja menos estudada que as dos homens jornalistas, há, porém, mais obras que se dedicam ao tema, inclusive películas cinematográficas. Portanto, as correspondentes tendem a ser mais conhecidas, como a estadunidense Martha Gellhorn<sup>4</sup> (1908-1998), que cobriu conflitos durante toda sua carreira, como a guerra civil espanhola e a Segunda Guerra Mundial (Martinez & Silva, 2012). O fato de jornalistas como Gellhorn terem lançado compilações de suas reportagens no formato livro ajudou a divulgar a produção no tempo e no espaço. Gellhorn, por exemplo, publicou uma seleção de reportagens que cobrem da Espanha, em 1937, à invasão norte-americana do Panamá, em 1990, passando pela

Segunda Guerra Mundial, Vietnã, Guerra dos Seis Dias e guerras na América Central (Gellhorn, 2009). D'Amico<sup>5</sup> resgata, dentre outras correspondentes, a história Eleanor Packard (1905-1972), da *United Press*, nome que pode ser visto com frequência nas primeiras páginas do jornal *Correio da Manhã* no mesmo período de atuação de Majoy, 1944 a 1946 (D'Amico, 1999)<sup>6</sup>.

Neste contexto, o presente artigo busca abordar outras figuras menos reconhecidas, notadamente Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt (Majoy). É notável a menor visibilidade no país dada às mulheres jornalistas, e a vida e obra de Majoy, uma jornalista premiada em seu tempo – como o Maria Cabot Moors Prize, concedido pela Universidade Columbia, que ganhou em parceria com o marido, Paulo Bittencourt, em 1941 –, foi, em grande parte, esquecida nos estudos acadêmicos sobre jornalismo. Argumentamos que a marginalização de Majoy e sua produção reflete os padrões hegemônicos que privilegiam o conhecimento produzido por homens brancos ocidentais, relegando ao silêncio vozes importantes na história do jornalismo.

Ao elucidar esses aspectos, este artigo busca não apenas preencher lacunas na história da correspondência jornalística de guerra, mas também contribuir para uma reflexão sobre as dinâmicas de poder e visibilidade no campo jornalístico, destacando a importância de reconhecer e valorizar a diversidade de vozes e experiências.

Para se atingir o objetivo proposto, este artigo adotará uma abordagem que combina 1) análise histórica, buscando contextualizar a evolução da correspondência jornalística de guerra e suas nuances, além de problematizar as questões de poder, representação e visibilidade no campo jornalístico. 2) pesquisa bibliográfica, por meio de levantamento de fontes primárias, notadamente o livro original feito pela jornalista Majoy. Além disso, será feita uma revisão crítica da literatura existente, em especial estudos acadêmicos, entendida como fonte secundária.

---

### A PRIMEIRA CORRESPONDE DE GUERRA BRASILEIRA

---

Além da questão de gênero, a de classe talvez seja uma pedra fundamental para compreender o porquê a jornalista foi vista com um certo viés no campo dos estudos do jornalismo. A começar do berço. Nascida em 12 de junho de 1896, Sylvia de Arruda Botelho era filha de Alexandra de Markoff e Martinho Carlos de Arruda Botelho (1867-1914). Ela nasceu em Paris, cidade onde seu pai então editava a *Revista Moderna*. No período em que circulou (1897-1899), a *Revista Moderna* foi feita na França e distribuída no Brasil, onde obteve gran-

de aceitação das elites, em especial dos barões do café (Flexa, 2019, p. 177).

A história dos Arruda Botelho, a família paterna de Majoy, se inicia com a chegada no Brasil em 1654 a partir da Ilha de São Miguel, nos Açores, e se insere na história da produção agrícola do Estado de São Paulo. O pai de Majoy era um dos 12 filhos do segundo casamento de Antonio Carlos de Arruda Botelho (1827-1901), futuro Conde do Pinhal, e Anna Carolina de Arruda Botelho (1841-1945), esta descendente de portugueses e alemães e filha de quem viria a ser o Visconde de Rio Claro. Em 1882, Antonio Carlos participa da construção da estrada de ferro da Companhia do Rio Claro de Estradas de Ferro com capital próprio e de outros agricultores da região. Era proprietário de vastas terras das quais brotaria mais tarde a cidade de São Carlos, no interior do Estado de São Paulo. Estamos falando, portanto, de uma família de imigrantes que ao longo de três séculos vai se estabelecendo a região do Oeste paulista até atingir, por assim dizer, o seu mais alto estrato sociopolítico-econômico-cultural.

Para atender esta elite, o pai de Majoy lança a *Revista Moderna* (Figura 1), amplamente ilustrada com desenhos, gravuras e fotografias. Tratava-se de uma publicação quinzenal que anunciava contar com a “colaboração literária” dos melhores escritores do Brasil e de Portugal, em adição aos ilustradores da França, Inglaterra e Alemanha, entre outros. Teve a colaboração ativa de Eça de Queiroz, que nela publicou parte de um romance inédito, *A Ilustre Casa de Ramires* (Pinhal, n. d., p. 10).

Figura 1: Capa do número 1 da revista *Moderna*



Figura 2: *Sylvia de Arruda Botelho em pé*



Fonte. Acervo Casa do Pinhal, 2022.

Fonte. Acervo da Casa do Pinhal.

A criação de Majoy, no entanto, não se dá na cidade das luzes. Isto porque, devido à saúde frágil de sua mãe, ela foi trazida de volta na infância para o Brasil e criada em São Paulo por seus tios Antonio Moreira de Barros e Carlota Moreira de Barros em São Paulo. Na Figura 2 podemos ver Majoy com seus tios e avó: na margem esquerda, Carlota Moreira de Barros, sentada em uma cadeira. Apoiado no encosto do banco está Antonio Moreira de Barros. Ao seu lado, no centro da fotografia, sentada no banco, Anna Carolina, a Condessa do Pinhal. Atrás do banco, em pé, Sylvia A. B. Bittencourt. Finalmente, sentada, com a cabeça apoiada em uma das mãos, a tia paterna Elisa Moreira de Barros.

A educação de Majoy foi esmerada, tendo frequentado a escola *Des Oiseaux*, uma tradicional escola feminina dirigida pelos Cônegos de Santo Agostinho localizada em São Paulo. Inaugurado em 1907 e fechado em 1969, o colégio teve diversos alunos que se destacaram no cenário cultural ou político brasileiro, como a ex-primeira-dama Ruth Cardoso (1930-2008) e a ex-prefeita do Estado de São Paulo, Marta Suplicy (nascida em 1945).

Além do pai que criara uma revista, Majoy se casa com um proprietário de um jornal. Ela foi a primeira

esposa de Paulo Bittencourt (1895-1963)<sup>7</sup>, herdeiro e então diretor do *Correio da Manhã*, diário criado em 1901 por Edmundo Bittencourt. Nas carreiras das mulheres brasileiras, em particular no segmento político, destaca-se a importância do capital social herdado dos pais, irmãos e maridos (Miguel & Biroli, 2011, pp. 95-96). Mas destacamos que as filhas e as esposas das famílias da elite brasileira não iam, por costume, voluntariamente para a frente de guerra, especialmente para escrever sobre as atrocidades que lá ocorrem. Neste sentido, Majoy quebrou não apenas o molde brasileiro, mas também seu teto de vidro dourado.

Por outro lado, a ocupação de espaços públicos por mulheres é mais difícil para mulheres com algumas restrições, como recursos financeiros, tempo livre e redes de contato (Miguel & Biroli, 2011, p. 95). Neste sentido, Majoy pode ter sido, sim, favorecida, uma vez que dispunha de apoio institucional, recursos financeiros, tempo para se dedicar à tarefa da cobertura e redes de contato que davam suporte ao seu objetivo. O fato de que em 1944 sua filha, Sybil (Figura 3), já ter 22 anos fazia com que ela estivesse também liberada do ponto de vista de maternagem, que se não limitou correspondentes contemporâneas, como Patrícia Campos Mello, ao menos causou impacto do ponto de vista psicológico, a saber o sentimento de culpa por deixar um

filho pequeno para ser cuidado por semanas pela avó materna (Martinez, 2020).

**Figura 3:** Retrato da Senhorita Sybil Bittencourt por Cândido Portinari, Rio, 1928



---

#### UMA OBRA COM UM OLHAR DIFERENTE SOBRE A GUERRA

---

O livro *Seguindo a Primavera* (Bittencourt, 1951) compila 162 crônicas publicadas pela autora como correspondente de guerra, acrescida de uma pequena dedicatória da autora. Do ponto de vista teórico, é importante ressaltar que enquanto gênero, a crônica brasileira difere muito da tradição ibérica e anglo. No Brasil, esse texto em primeira pessoa descreve os acontecimentos do cotidiano de forma mais leve, uma mistura entre o texto jornalístico e a literatura (Melo, 1985, pp. 145-162). Por outro lado, no mundo ibérico, crônica pode ser entendida como um sinônimo de Jornalismo Literário, na perspectiva adotada desde 2006 pela *International Association for Literary Journalism Studies* de ser um jornalismo como literatura e não sobre literatura (International Association for Literary Journalism Studies [IALJS], 2006).

Estes relatos mostram as longas distâncias que Majoy percorreu de jipe, muitas vezes ao lado de militares americanos e do então ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra (1883-1974), que seria o 16º presidente brasileiro (1946-1951). Ela seguiu a trilha do exército brasileiro, pelo qual foi posteriormente condecorada (Figura 4), passando pelas cidades de Natal (no Nordeste do Brasil, onde o Exército americano havia estabelecido uma base); Ilha de Ascensão (parte do território britânico abandonada no meio do Atlântico

**Figura 4:** Majoy recebendo uma condecoração



Fonte. Museu da FEB / BH.

tropical entre o Brasil e a África); Dakar (Senegal); Acra (Gana); Marraquexe, Casablanca (Marrocos); Oran, Argel, Sidi Bel Abbés (Argélia), na África; Nápoles e Roma na Itália, bem como o sul da França; Grécia e, depois que a paz foi declarada, Viena.

De toda forma, seu registro difere da organização apresentada no formato jornal, onde a própria estrutura da publicação, que permite a pessoa se localizar melhor em relação à peça jornalística em relação de autoria, espaço e tempo. No destaque (Figura 5), à guisa de exemplo, se traz o despacho “A campanha da FEB na Itália – como a cobra fuma”, assinado como “do nosso correspondente especial de Guerra”, datado de 14 de dezembro de 1944.

Em adição, Majoy esteve no campo de concentração de Auschwitz, onde entrevistou militares ligados ao holocausto, e cobriu o Tribunal de Nuremberg, em 9 de dezembro de 1946, que julgou 23 pessoas, das quais vinte médicos, consideradas criminosas de guerra. Inclui também o fato de ter sido ferida por estilhaços de bomba, sendo recebida em um hospital da Cruz Vermelha americana na ilha italiana de Capri.

De toda forma, a edição deste livro, que em 2022 conta com mais de 70 anos, de fato poderia contribuir melhor para o entendimento do percurso da jornalista, se contivesse mapas dos trajetos, cronologias ou linhas do tempo que permitissem acompanhar a trajetória no tempo e no

Figura 5: Primeira página do Jornal Correio da Manhã, de 14 de dezembro de 1944



Figura 6: Uso de ilustrações para facilitar a compreensão da narrativa, Correio da Manhã, 4 de março de 1945



espaço. Recurso que era comum na cobertura de guerra dos diários, como vemos no exemplo acima (Figura 6), no qual se insere aliás o relato da tomada do Monte Carmelo pela Força Aérea Brasileira (FAB), do correspondente de guerra Raul Brandão.

A edição também não lança luzes sobre a autoria, uma vez que a obra carece de elementos básicos, como uma mini-biografia da autora. Recurso que talvez seja mais comum nas obras contemporâneas. Em comum com outros livros de correspondentes da época, as obras de Majoy e Joel Silveira (1918-2007), então com 26 anos e enviado para a Itália para cobrir a Segunda Guerra Mundial para os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, são escritas como um diário (Silveira, 2005).

#### RELATOS DO COTIDIANO QUANDO EM GUERRA

No prelúdio da obra, datado de 27 de dezembro de 1945, quando ela estava se recuperando do ferimento na Ilha de Capri, Majoy narra de forma literária um momento dramático que viveu:

Estive no cerco de Piza com granadas a cair duma maneira compassada e correta – e nós

estávamos, então, confortavelmente ao sol gostoso junto a um bosque de pinheiros cheirando à resina... Foi lá num Jeep (de capota levantada, o capelão irlandês que estava ao meu lado reclamou duma maneira muito séria: “e, o seu capacete de aço?” – Parecia absurdo à minha novata experiência de guerra, êsse chapéu de gladiador no seio daquele doce conforto em chão arenoso, onde *lagartixas tontas de sol e luz e felicidade de viver faziam palpitar a sua minúscula guêla de monstro sob o encanto do sol perfumado* [ênfase adicionada] – aquela dourada luz que envolve a Itália e as almas da mística doçura que nos vem dum tão ardente calor. Tudo isso era tão rural, tão agreste, meigo e sereno que a própria ideia do perigo parecia impossível de chegar perto de nós. *Foi então que um estrondo arrebentou o ar e esfacelou a paz luminosa... Uma chuva de coisas inesperadas inundou a capota* [ênfase adicionada], felizmente prudente do jeep. Precisamente *a razão de tudo isso ainda não tocara o meu cérebro...* [ênfase adicionada] – com o calor e o sol e a doçura dos pinheirais a guerra parece tão longe – e foi a voz displicente do capelão da Irlanda que explicou, perguntando: “Eu bem disse para pôr o capacete de aço...”. E então um friozinho

especial, ainda um pouco meu desconhecido, subiu desde o dedão do pé: creio que é o que se chama: medo. (Bittencourt, 1951, p. 8)

Do ponto de análise na perspectiva do Jornalismo Literário, podemos ver neste pequeno trecho dois dos elementos que Wolfe (2005, pp. 53-56) aponta como pertencentes ao novo jornalismo: a cuidadosa construção cena a cena e o emprego de diálogos. Os recursos tornam a experiência de leitura envolvente, particularmente desta parte de abertura em que a jornalista tem o *insight* do que significa estar numa cobertura de guerra. Afinal, o tema sussurrado das coberturas de guerra é o enfrentamento da morte de uma maneira em geral voluntária, sem esperar que ela ocorra por causas naturais como processos de envelhecimento ou adoecimentos. Numa guerra, seja no alistamento voluntário ou obrigatório, ou nos deslocamentos populacionais – estes sempre forçados, o drama humano é aquele de a vida normal subitamente se encontrar em suspensão e, em seu lugar, entrar por imposição algo que pode colocar fim à toda estrutura conhecida, como laços familiares, relacionais, laborais, bem como projetos de vida, que incluem planos dos mais variados tipos<sup>8</sup>. Como diz Bak<sup>9</sup> (2016), “Desde que há guerras, há relatos de guerra. A única coisa que a humanidade parece valorizar mais do que tirar a vida é o registro dessa morte em tinta [tradução nossa]” (p. ix).

A reação de Majoy à “chuva de coisas inesperadas” é bastante fenomenológica, no sentido de fazê-la se ater à experiência como ela se apresenta à consciência, como expressa o trecho a seguir: “Este clima de guerra leva a gente a agarrar o momento que passa. Quem sabe o que virá?” (Bittencourt, 1951, p. 21).

Numa entrada datada de agosto de 1944, o texto será pontuado por imagens de guerra mais canônicas, mas ainda assim de uma elegância metafórica:

Em Pisa há cadáveres. Cadáveres de casas, em pé, mutiladas, torturadas, cegas. A natureza não ajuda a remediar, com um bocado de vida, esse silêncio completo, compacto, assustador, onde a vida deixou apenas a sua caricatura trágica, e não há ninguém, ninguém, ninguém. Nem um pássaro. Nem um gato rondando. Nem o escorregar assustado de uma lagartixa. Nem o mover de uma flor na haste. É o espéctro da guerra e da morte. Uma visão do mundo. (Bittencourt, 1951, p. 31)

Agora não há mais “lagartixas tontas de sol e luz e felicidade de viver faziam palpitar a sua minúscula guêla de monstro sob o encanto do sol perfumado” (Bittencourt, 1951, p. 8). A imagem foi engulhada pela cidade de aspecto sepulcral, que transcende a calmaria típica das cidades europeias aos olhos de uma brasileira. O texto de Majoy mostra que a Eu-

ropa, neste momento, deixou em alguma medida de ser sinônimo de cultura, de bom viver, de segurança, e passou a ser conectada com a ideia de finitude.

E a visão de morte evoca sua compensação: a efemeridade da vida. Há uma questão importante na cobertura de guerra que podemos expressar por meio da incomunicabilidade das experiências com pessoas que não passaram pela mesma vivência, como sugere Benjamim (2012) em *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Incluindo mas transcendendo esta questão, Majoy traz a noção de saturação que a cobertura causa, que torna difícil à correspondente relatar mais do mesmo já visto tantas vezes:

Fomos ainda a um hospital de sangue. São todos tão iguais em sua tragédia, vi e morei em tantos, na França, que não quero contar de novo o que já contei. Ao voltar para o ambiente – que me pareceu luxuoso e alegre – do hotel de militares, eu só pensei, talvez egoisticamente, no prazer que dá a Vida, tão fácil de perder. (Bittencourt, 1951, pp. 45-46)

Por outro lado, a obra traz uma breve reflexão sobre a própria percepção de si mesma da autora, que se vê como parte dos dois mundos, o brasileiro e o europeu, ao escrever, no 15 de agosto, sobre a invasão no sul da França:

Pulsam os telegramas como os corações: É a Invasão. Vamos partir – vamos seguir pelo primeiro aeroplano, rumo desconhecido. – Creio que entre nós sou a única a não chegar como estrangeira, pois tôda a minha vida foi misturada com a terra francesa.

Todo um passado de vida feliz – tôda uma tortura de vida presente. Tôda uma cultura fortemente implantada nas influências da terra que explica a necessidade do que eles chamam “les Humanités”.

E assim, carregados da bagagem de campanha deixamos Roma. (Bittencourt, 1951, pp. 31-32)

Na obra, ela também reflete sobre a questão das mulheres e da cobertura de guerra, por meio de uma santa toscana. Destaca-se aqui não somente a marcada posição católica de Majoy, mas também o conhecimento que ela detinha sobre esta tradição:

Santa Catarina de Sienna marcou a sua nobre cidade com o seu esplendor espiritual.

A literatura medieval era caracterizada então por um senso de misticismo abstrato. Depois vieram Dante, Petrarca – outro fio da corren-

te humana. E surgiu Santa Catarina, depois do Dante. É considerada a “prima donna literata” italiana; e não foi apenas mística, mas, também, política. Assim nô-la mostram as suas cartas ao imperador Arrigo VII, que vinha da Alemanha conquistar a Itália.

*Poderíamos dizer que Santa Catarina foi a primeira correspondente de guerra, sem credenciais, numa campanha da Itália.* [ênfase adicionada]

Suas cartas famosas são uma grande obra de estilo literário; rompendo as normas medievais, é uma precursora do realismo do renascimento italiano. Antecipou o espírito que nós dará Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, Buonarotti, Maquieveli. Com ela e Dante, Sienna e sua universidade tornam-se o centro mais importante da cultura italiana. Ali se formam a nova geração, a nova inteligência. Celestino V. Bonifácio VIII, a política do Vaticano sofreram grande influência dessa pena feminina que se dirigia de igual para igual aos imperadores e aos príncipes da Igreja [ênfase adicionada]. (Bittencourt, 1951, pp. 43-44)

Esta consciência do papel dos repórteres de guerra expande-se para a importância da própria liberdade de imprensa:

O que vale, o que representa a liberdade de imprensa, eu o vi em Linz, na Áustria. Na velha cidade meio destruída, onde escapara o Grande Teatro, em cerimônia oficial, foi entregue à Áustria solenemente, entre bandeiras, o direito de ter imprensa livre. Havia sete anos que isso era desconhecido ali. Fêz a entrega das licenças o general Mac Chriystal, “patrão” dos correspondentes na campanha da Itália. E a cidade mutilada enfeitou-se festivamente de bandeiras. (Bittencourt, 1951, p. 144)

Há também a preocupação de Majoy em relação aos deslocamentos forçados causados pelo conflito, que é apresentado de forma humanizada e com uma sugestão de apoio que envolve a esfera da política pública:

São estas D.P. as iniciais de *Displaced Person*, as que exprimem os sucessores dos refugiados. Isto é, os deslocados. Aglomeram-se, em modestas casas de madeira, como dispersos pelo vendaval da guerra. E são milhares de milhares.

Gente, gente, muita gente, vagamente resignada a não se considerar infeliz. Neste casebre, uma família alemã; espreitando por aquela janela, vi num quarto cheio de biombos de cortina, duas menininhas russas que cantavam em

russo, sorrindo com suas faces envernizadas, às ternuras da sua avó. Sua mamãe ficara longe. Talvez fosse D.P. em outro lugar. As pequenitas cantavam, seguras de sua volta.

Por que não chamamos nós para o Brasil, que precisa de gente – essa gente que precisa de lar? (Bittencourt, 1951, p. 148)

Na fase final do livro, Majoy reflete sobre dois pontos viscerais. O primeiro é a questão da responsabilidade das lideranças alemãs na condução da morte em massa dos campos de concentração. Como também Hannah Arendt refletiria ao realizar a polêmica cobertura para a revista *New Yorker* (Arendt, 2016), o paradoxal é que não se tratavam de monstros, mas de “funcionários burocráticos” que estavam alinhados com um sistema desumano, que Arendt vai expressar na noção de banalidade do mal. Como coloca Arendt: “O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais” (Arendt, 2016, p. 299). Como também observou Majoy:

A segunda vez que vi Dachau, estava quase normalizado, mas ficou um detalhe macabro na sala do gás. Era um corredor singelo como um banheiro de colégio – com portas a seguir sobre cubículos onde um tubo furado parecia chuveiro. Assim era para parecer; para não haver barulhos. E assim nós e confiantes entravam os pobres abandonados, e a porta se fechava para nunca mais se abrir para eles em vida. Numa delas (e foi a terrível impressão) ainda marcado a gis, branco sobre negro em letras góticas, estava dado o tempo de entrada e da abertura desse antro que recebeu vivos para entregar mortos. – Em Viena logo nos primeiros dias da ocupação levaram-me a ver Bergner, o monstro de Auschwitz –. E a impressão foi igual a que tive depois, nos cubículos de mártires de Dachau: um ar de inocência patriarcal, seus olhos verdes azuis fundos, sua barba doirada castanho de Nazareno, seus traços, que o! ironia, tinha a beleza dos traços judaicos quando são muito puros, os que inspiram as imagens nos traços bíblicos, tudo isso não tornava possível o: “acreditar” – E quando perguntei a êle: “Porque tanta crueldade?” Respondeu: “Ordens”. (Bittencourt, 1951, pp. 151-152)

Como Arendt vai pontuar: “Do ponto de vista de nossas instituições e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas” (Arendt, 2016, p. 299). Isso porque implicava em um “novo tipo de criminoso, efetivamente *hostis generis humani*, que comete crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível

para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado” (Arendt, 2016, p. 299).

O livro registra transmissões que ela fez para a BBC, como Athennas, sobre a cidade grega (Bittencourt, 1951, p. 57), bem como relatos enviados para a *United Press*, como o sobre a Invasão Mediterrânea datado de 15 de agosto (Bittencourt, 1951, p. 32).

---

### A PESQUISA SOBRE MAJOY

---

Majoy escreve textos com momentos poéticos: “Foi então que um estrondo arreventou o ar e esfacelou a paz luminosa... Uma chuva de coisas inesperadas inundou a capota” (Bittencourt, 1951, p. 8); “Pulsam os telegramas como os corações” (Bittencourt, 1951, p. 31). Neste sentido, sua produção está próxima do olhar sobre a guerra da jornalista bielorrussa Svetlana Aleksievitch (2016), ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura de 2015, quando ela observa os pequenos desastres desimportantes, como combatentes mulheres parando a marcha para colher pequenas flores em contraste com o registro numérico das grandes fatalidades e dos grandes feitos (Martinez & Heller, 2020). Ou as memórias dos órfãos sobre a guerra (Heller et al., 2022).

Como Aleksievitch relata na reflexão no início do livro:

Já aconteceram milhares de guerras – pequenas e grandes, famosas e desconhecidas. E o que se escreveu sobre elas foi ainda mais numeroso. Mas... Foi escrito por homens e sobre homens (...). Tudo o que sabemos da guerra conhecemos por uma “voz masculina”. Somos todos prisioneiros das representações e sensações “masculinas” de guerra. Das palavras “masculinas”. Já as mulheres estão caladas. (...) Quando as mulheres falam, não aparece nunca, ou quase nunca, aquilo que estamos acostumados a ler e escutar: como as pessoas heroicamente mataram outras e venceram. Ou perderam. Qual foi a técnica e quais foram os generais. Os relatos femininos são outros e falam de outras coisas. A guerra “feminina” tem suas próprias cores, cheiros, sua iluminação e seu espaço sentimental. Suas próprias palavras. Nela, não há heróis nem façanhas incríveis, há apenas pessoas ocupadas com uma tarefa desumanamente humana. E ali não sofrem apenas elas (as pessoas!), mas também a terra, os pássaros, as árvores. Todos os que vivem conosco na terra. Sofrem sem palavras, o que é ainda mais terrível. (Aleksievitch, 2016, p. 12)

É neste nível da presença e do silêncio que acontece o texto de Majoy. O que foi criticado pela primeira

pesquisa conhecida realizada sobre seu trabalho, desenvolvida pelo historiador brasileiro Leonardo Guedes Henn, que vê um tom exageradamente lírico em sua produção (Henn, 2006):

Sobre os brasileiros, é interessante um comentário a respeito de Sílvia de Bittencourt. Como já foi mencionado, ela teve duas rápidas passagens pelas tropas brasileiras, pois pertencia ao quadro de correspondentes da UP, que faziam a cobertura da guerra em geral na Europa. Os textos de Sílvia, em comparação com o estilo pomposo do jornalismo brasileiro da época, destacavam-se por estarem entre os mais líricos. Na coletânea de suas crônicas de guerra, publicada em 1951, por mais incrível que possa parecer, encontram-se mais referências a flores e obras de arte renascentistas do que a combates. Através da leitura de seus despachos, pode-se dizer, sem exagerar, que a impressão é de estar diante de um relato de viagens de férias. Pelo que se percebe, a sua preferência era pelo contato com os quartéis-generais, pelo hotel destinado aos correspondentes em Roma e por passeios pelos pontos turísticos italianos. Em vários de seus despachos, esta jornalista revelou que, seguidamente, era advertida pelos oficiais para que utilizasse o capacete. Segundo ela, o porquê disto ocorrer era decorrente do fato de ela distrair-se com as belezas naturais da região, não imaginando que, em meio a tão bela paisagem, pudessem ocultar-se perigos. (Henn, 2006, p. 186)

Num estudo posterior, o então mestrando em teoria literária pela Universidade de São Paulo, Rafael da Cruz Ireno, mostra que a perspectiva pode estar enviesada:

[...] a crítica de Henn me parece equivocada ao focalizar no lirismo, ao se concentrar na quantidade de referências às flores em relação ao número de combates descritos, isto é, ao basear seu julgamento numa espécie de contraposição direta entre a beleza e a barbárie, por fim, em classificar o livro como um “relato de viagem de férias”. Embora toque num ponto importantíssimo da discussão, o caráter imediato do argumento o torna relativamente fácil de ser refutado, por exemplo, se lermos a crônica Pisa – A Morta, escrita em agosto de 1944, alguns meses antes do encontro com a FAB. (Ireno, 2018, p. 239)

Ireno destaca corretamente a questão ideológica, importante para se compreender a noção de vida e obra de uma autora provinda de um extrato social de elite, católica, com alto nível de formação e de inserção social, mas também numa perspectiva de “corrigi-la”

para o que seria uma perspectiva ideológica considerada “correta”, que se alinharia com a do pesquisador:

[...] penso que o valor do relato de Sílvia de Bittencourt adquire um caráter dúbio: ele não deve ser lido simplesmente como um registro brasileiro da Segunda Guerra Mundial, uma vez que sua ideologia apresenta uma deformação reacionária da história, mas sobretudo porque esta visão precisa ser combatida por leituras críticas e não ignorada, pois ela está na origem de preconceitos inseridos na cultura brasileira, que permanecem até hoje em nossa sociedade. (Ireno, 2018, p. 239)

Pouco se fala sobre os desafios para uma correspondente feminina naquele tempo, inclusive sobre o de enviar despachos antes de envelhecerem sem a disposição constante de telégrafos. Carlos Eduardo Lins da Silva, por exemplo, dirá apenas que a atividade dela para a *United Press* “não chegava a ser algo regular” (Silva, 2011, p. 48) e que teria ficado “pouco tempo com a FEB, pois a agência não se interessava muito pela sua missão” (Silva, 2011, p. 73).

Apesar dos limites, Majoy abre um caminho que seria seguido por muitas mulheres jornalistas brasileiras na cobertura de conflitos e guerras. É o caso de Dorrit Harazim, nascida na Croácia em 1943 e naturalizada brasileira, que colaborou com as revistas *Vêja* e para o *Jornal do Brasil* (Camargo, 2021; Quierati, 2017). Da italiana Oriana Fallaci (1929-2006), que se notabilizaria pelas entrevistas com personalidades mundiais (Ruellan, 2018)<sup>10</sup> e que escreveria para a revista *Realidade* no período de 1968 a 1969, escrevendo 29 reportagens, sendo que nove sobre o Vietnã (Martinez & Camargo, 2021, p. 23). Ou da jornalista Helena Salem (1948-1999), que cobriu a Guerra do Yom Kippur em 1973, entre outros conflitos árabes, para o *Jornal do Brasil* (Zamin et al., 2017). E casos em curso, como da brasileira Patrícia Campos Mello, também ela premiada com um prêmio Maria Cabot Moors em 2020 (Martinez, 2020). Como Majoy, Mello também marca o necessário espaço no campo da publicação de livros (Mello, 2017). Isso leva outras esferas midiáticas a perceberem a importância de narrar as histórias das correspondentes, como aconteceu com Marie Catherine Colvin, premiada jornalista estadunidense que trabalhou para o jornal britânico *The Sunday Times* de 1985 cobrindo conflitos como o da Síria até sua morte em 2012, cuja história foi retratada em filme (Camargo & Martinez, 2019).

Pela casa editora, pode-se deduzir as várias camadas que envolvem a cobertura de guerra. Henn (2013, p. 676) observa que na Segunda Guerra Mundial os nomes dos correspondentes eram pré-aprovados pelo exército brasileiro, que estes precisavam conhecer os regulamentos militares e assinar um documento que os obrigava a submeter seus textos, antes da publicação, ao alto comando do exército brasileiro e ao Comando Supremo Aliado.

A reportagem jornalística de guerra era e é cercada de medidas de segurança, naturalmente proibindo a publicação de certos detalhes objetivos, como movimento ou localização de tropas, para não informar o inimigo. Qualquer correspondente que produzisse cópia contrária aos interesses do governo poderia ser expulso ou mesmo julgado como espião. Nenhum correspondente de guerra brasileiro contestou esse decreto. Nem Majoy. Não por acaso, em um dado momento, Majoy se descreve como “eu que era só pequenina – só correspondente de guerra”, sem “a segurança pessoal que protege os grandes da terra” (Bittencourt, 1951, p. 101).

---

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Os principais achados desta pesquisa revelam diversas facetas das experiências e reflexões de Majoy durante sua cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial. Inicialmente, sua narrativa poética oferece uma visão única dos momentos dramáticos vivenciados durante o conflito, destacando sua capacidade de construir cenas e diálogos de forma envolvente.

Além disso, Majoy apresenta uma perspectiva fenomenológica ao descrever suas reações e percepções diante dos eventos de guerra, evidenciando como a experiência direta molda sua compreensão do mundo. Neste sentido, em alguns momentos, Majoy reflete sobre sua própria identidade como jornalista e como mulher, situando-se entre as esferas brasileira e europeia e examinando o papel das mulheres na cobertura de guerra e na sociedade em geral.

A pesquisa também destaca o legado de Majoy como precursora de outras mulheres jornalistas que seguiram seu exemplo, enfrentando desafios semelhantes na busca pela apuração e relato daquelas realidades e pela divulgação dos acontecimentos históricos para o público.

Por fim, é importante dizer que há um vasto espaço em aberto para se preencher com pesquisas neste subcampo de estudos do Jornalismo Literário. Um deles é a suposta visão independente do repórter de guerra, que teria surgido a partir do século XIX, quando “os observadores, que passamos a chamar de jornalistas e, em seguida, repórteres, foram enviados por jornais que pretendiam cumprir sua missão de forma mais autônoma, mais independente dos beligerantes e dos poderes” (Martinez et al., 2022, p. 10). Cabe lembrar que livro de Majoy foi publicado pela Biblioteca do Exército do Ministério da Guerra do Brasil em 1951, a primeira e única edição de *Seguindo a primavera*.

---

Submissão: 14/12/2022  
Data de aceite: 01/04/2024

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Carlos Eduardo Lins da Silva é um jornalista, estudioso do jornalismo brasileiro e também trabalhou como correspondente internacional da *Folha de S. Paulo* em Washington.

<sup>2</sup> Neste ponto, as histórias começam a se cruzar, como veremos adiante, uma vez que Bittencourt se tornaria o sogro de Majoy, de quem ela e o marido, Paulo, herdariam o diário *Correio da Manhã* décadas depois.

<sup>3</sup> Na obra, Hallawell explica que escatoleta era uma caixa que os Estados Unidos distribuía comida para sua tropa e que, depois de usada, era empregada para guardar objetos de valor, como cigarros, sabonetes e velas (Hallawell, 1946). Ver também o registro de Toscano (2020).

<sup>4</sup> Martha Gellhorn foi casada de 1940 a 1945 com outro importante correspondente de guerra e escritor, Ernest Hemingway (1899-1961).

<sup>5</sup> D'Amico registra a história das seguintes correspondentes: Dorothy Thompson, Sigrid Schultz, Janet Flanner, Helen Kirkpatrick, Josephine Herbst, Martha Gellhorn, Eleanor Packard, Frances Davis, Virginia Cowles, Margaret Bourke White, Sonia Tomara, Betty Wason, Mary Welsh, Tania Long, Lael Tucker, Shelley Smith Mydans, Annalee Whitmore Jacoby, Ruth Cowan, Lee Miller, Virginia Irwin, Lee Carson, Dickey Chappelle, Iris Carpenter, Majorie «Dot» Avery, e Catherine Coyne, que cobriram a Guerra para jornais como *The New York Herald Tribune*, *The London Times* e revistas como *Life*, além de agências de notícias e publicações femininas (D'Amico, 1999).

<sup>6</sup> Marido de Packard desde 1930, Reynolds também era correspondente de Guerra e juntos atuaram em quatro continentes na cobertura de conflitos (*Eleanor Packard, War Reporter And Rome Correspondent, Dies*, 1972), tendo o casal se estabelecido em Roma a partir de 1948.

<sup>7</sup> O casal teve apenas uma filha, Sybil May Arruda Botelho, nascida no Rio de Janeiro em 18 de junho de 1923.

<sup>8</sup> Lembra-se aqui a trajetória do filósofo da comunicação checo-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991), que, fugindo do nazismo durante a Segunda Guerra, se mudou para o Brasil, estabelecendo-se em São Paulo, onde atuou por cerca de 30 anos. Em alguma medida, na sua autobiografia, fica a passagem da vida do jovem que estava inserido numa dada sociedade e que se tornará um professor autodidata de filosofia na Universidade de São Paulo, até a chegada da ditadura, que lhe exonera na base de não ser um docente diplomado. Segue, no entanto, como jornalista, conferencista e escritor, até falecer num acidente de carro na cidade onde havia nascido, Praga, ao ministrar uma conferência lá (Flusser, 2007). Interessante que o título de sua autobiografia, *Bondelos*, quer dizer sem chão, o que é significativo no contexto de expatriados devido a guerras.

<sup>9</sup> “For as long as there have been wars, there has been war reporting. The only thing humankind seems to value more than the taking of life is the recording of that death in ink” (Bak, 2016, p. ix)

<sup>10</sup> Dada à sua importância, Ruellan a insere entre as 15 profissionais pesquisadas, no contexto de correspondentes de guerra que abrangem um século, da francesa Andrées Viollis (1870-1950) à polonesa Grazyna Jagielska (nascida em 1962).



## REFERÊNCIAS

- Aleksiévitch, S. (2016). *A guerra não tem rosto de mulher* (9ª ed.). Companhia das Letras.
- Arendt, H. (2016). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (20ª ed.). Companhia das Letras.
- Bak, J. S. (2016). General introduction to the ReporAges Series. In A. Griffiths, S. Prieto, & S. Zehle (Eds.), *Literary journalism and World War I Marginal Voices* (1st ed., pp. ix–xiv). PUN/Éditions Universitaires de Lorraine.
- Barbosa, M. (2013). *História da comunicação no Brasil*. Vozes.
- Benjamin, W. (2012). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In W. Benjamin, *Magia, técnica, arte, política. Obras Escolhidas. V 1*. (8ª ed., p. 272). Brasiliense.
- Bento, C. M. (2014). Correspondentes de guerra do Brasil que acompanharam a FEB na Itália. Recuperado em 28 de dezembro de 2020, de [http://www.ahimtb.org.br/CORRESPONDENTES\\_DE\\_GUERRA\\_DO\\_BRASIL\\_QUE\\_ACOMPANHARAM\\_A\\_FEB\\_NA\\_ITÁLIA.pdf](http://www.ahimtb.org.br/CORRESPONDENTES_DE_GUERRA_DO_BRASIL_QUE_ACOMPANHARAM_A_FEB_NA_ITÁLIA.pdf)
- Bittencourt, S. de A. B. (1951). *Seguindo a primavera*. Biblioteca do Exército Editora.
- Camargo, B. E. (2021). *Jornalismo literário e cobertura de guerra: a produção de Dorrit Harazim*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Sorocaba]. Repositório Institucional da UNISO. Recuperado de <https://repositorio.uniso.br/handle/UNISO/1012>
- Camargo, B. E., & Martinez, M. (2019). Cobertura de Guerra e Estudos de Gênero: uma análise de conteúdo em A Private War. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, 8(2), 1–22.
- Cunha, E. da. (1963). *Os sertões: campanha de Canudos* (27ª ed.). Editora Universidade de Brasília.
- D'Amico, F. (1999). *The women who wrote the war*. Arcade Publishing.
- Esquenazi, R. (2014). *O Rádio na Segunda Guerra: no ar, Francis Hallawell, o Chico da BBC*. Insular.
- Flexa, A. dos S. (2019). Revista Moderna (1897-1899): um correio ilustrado oitocentista. *Littera Online*, 10(19), 174–189. Recuperado de <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/13177/7284>
- Flusser, V. (2007). *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. Annablume.
- Gellhorn, M. (2009). *A face da guerra*. Objetiva.
- Grosfoguel, R. (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, 31(1), 25–49. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>
- Hallawell, F. (1946). *Scatolettas da Itália: a BBC e as forças brasileiras -- 1944-1945*. British Broadcasting Corporation.
- Heller, B., Santa-Cruz, L., Nunes, M. R. F., Perazzo, P. F., & Souza, V. (2022). As Últimas Testemunhas de Svetlana Aleksiévitch. *Sur Le Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo*, 11(1), 74–87. <https://doi.org/10.25200/SLJ.v11.n1.2022.489>
- Henn, L. G. (2006). Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Força Expedicionária Brasileira. *História*, 10(2), 173–194.
- Henn, L. G. (2013). Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística na Segunda Guerra Mundial. *Revista Sociais e Humanas*, 26(3), 670–686.
- International Association for Literary Journalism Studies - IALJS. (2006). Retrieved March 25, 2020, from <https://ialjs.org/about-us/>
- Ireno, R. D. C. (2018). Crônicas sobre a Segunda Guerra Mundial: Sílvia de Bittencourt (Majoy) e o lirismo de Seguindo a Primavera. *Opiniões*, (12), 236–249. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniae.2018.142290>
- Knightley, P. (1978). *A primeira vítima: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Crimeia ao Vietnã*. Nova Fronteira.
- Knightley, P. (2014). *The First Casualty: the war correspondent as hero and myth-maker from the Crimea to the Gulf War II*. Andre Deutsch.
- Leal Filho, L. L. (2002). *Vozes de Londres: Memórias Brasileiras da BBC*. EDUSP.
- Lima, E. P. (2011). A century of nonfiction solitude: a survey of Brazilian literary journalism. In J. S. Bak & B. Reynolds (Eds.), *Literary journalism across the globe: journalistic traditions and transnational influences* (pp. 162–183). University of Massachusetts Press.
- Martinez, M. (2020). Women, journalism and war coverage in Brazil: the case of Patricia Campos Mello (Folha de S.Paulo). In A. Wiktorowska, M. N. Pérez, & M. Y. Passos (Eds.), *Literary Journalism and Latin American Wars: Revolutions, retributions, resignations* (pp. 11–34). Presses Universitaires de Nancy – Éditions Universitaires de Lorraine.
- Martinez, M. (2023). Sílvia de Arruda Botelho Bittencourt: Brazil's Pioneering Female Literary War Journalist. In J. S. Bak, B. Reynolds (Eds.), *The Routledge Companion to World Literary Journalism* (pp. 323–336). London/New York: Routledge.
- Martinez, M., & Camargo, B. E. (2021). Jornalismo Literário e mulheres correspondentes de guerra: a cobertura de Oriana Fallaci sobre o Vietnã para a revista Realidade. In D. de A. Soster & M. Roviada (Eds.), *Narrativas Midiáticas Contemporâneas: perspectivas protagonistas* (pp. 19–32). Catarse. Recuperado de [https://www.editoracatarse.com.br/wp-content/uploads/2021/10/Narrativas\\_midiaticas\\_contemporaneas\\_perspectivas\\_protagonistas.pdf](https://www.editoracatarse.com.br/wp-content/uploads/2021/10/Narrativas_midiaticas_contemporaneas_perspectivas_protagonistas.pdf)
- Martinez, M., & Heller, B. (2020). A guerra não tem rosto de mulher: Svetlana Aleksiévitch reescreve a Segunda Guerra Mundial. *E-Compós*, 23, 1–16. <https://doi.org/10.30962/ec.1990>
- Martinez, M., Ruellan, D., & Yaméogo, L. (2022). Reportagens de guerra ». *Sur Le Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo*, 11(1), 10–13. <https://doi.org/10.25200/SLJ.v11.n1.2022.471>
- Martinez, M., & Silva, P. C. da. (2012). Imagens de arquivo e narrativas contemporâneas em Hemingway & Gellhorn: quando o real e a ilusão se fundem. *Doc On-Line: Revista Digital de Cinema Documentário*, (13), 172–207.
- Mello, P. C. (2017). *Lua de mel em Kobane* (1ª ed.). Companhia das Letras.

- Melo, J. M. de. (1985). *A opinião no jornalismo brasileiro* (2ª ed.). Vozes.
- Miguel, L. F., & Biroli, F. (2011). *Caleidoscópio convexo* (1ª ed.). Unesp.
- Morais, F. (1994). *Chatô: o rei do Brasil* (1ª ed.). Companhia das Letras.
- Pinhal, C. de E. da C. do. (n. d.). *Conde e condessa do Pinhal e seus descendentes*. São Carlos do Pinhal.
- Quierati, L. (2017). *Dorrit Harazim e o ofício de contar histórias: a prática do jornalismo narrativo e o processo de representação*. [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista «Júlio de Mesquita Filho»]. Repositório Institucional UNESP. Recuperado de <http://hdl.handle.net/11449/152300>
- Roberson, S. L. (2011). Jane Cazneau and Margaret Fuller: the Politics of mobility—manifest destiny and revolution. In S. L. Roberson, *Antebellum American Women Writers and the Road* (p. 191). Routledge.
- Ruellan, D. (2018). *Reportères de guerre: goût et coûts* (1er ed.). Paris: Presses des Mines.
- Santos, B. de S. (2014). *Epistemologies of the South: justice against epistemicide*. Paradigm Publishers.
- Silva, C. E. L. da. (2011). *Correspondente internacional*. Contexto.
- Silveira, J. (2005). *O inverno da guerra*. Objetiva.
- Toscano, F. de O. (2020). A guerra das scatolettas: cultura material e comidas enlatadas entre os soldados da Força Expedicionária Brasileira na Itália. *Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 28. <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e47>
- Wolfe, T. (2005). *Radical chique e o novo jornalismo*. Companhia das Letras.
- Zamin, A., Nasi, L., & Schaab, R. (2017). De como o acontecimento se torna: reflexões sobre experiência e partilha. *Interim (UTP)*, 22(2), 58–72. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/5044/504454376005.pdf>

---

## RESUMO | RESUMÉ | ABSTRACT | RESUMEN

---

**Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt, a pioneira na cobertura de guerra no Brasil**

**Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt, la pionnière de la couverture de la guerre au Brésil**

**Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt, the pioneer in war coverage in Brazil**

**Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt, pionera de la cobertura bélica en Brasil**

**Pt.** Pesquisas sobre a cobertura da guerra no Brasil mostraram que são focadas em jornalistas do sexo masculino (Martinez, 2020). Ainda hoje, no país, o ensino e a pesquisa em cobertura da guerra são referidos majoritariamente pela guerra de Canudos e o *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (Cunha, 1963) e pela guerra do Vietnã e José Hamilton Ribeiro, então correspondente da revista *Realidade* (Ribeiro, 1968). Contudo, estudos sobre repórteres de guerra da Segunda Guerra Mundial, ainda que masculinos, são escassos. No entanto, pela primeira vez em sua história, naquela época a mídia brasileira enviou cerca de 12 jornalistas pagos credenciados pelo exército brasileiro para cobrir as tropas da Força Expedicionária Brasileira, FEB. Entre eles, a jornalista Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt (1896-1995), mais conhecida pelo pseudônimo de Majoy pela *United Press* (UP). Alguns estudos contemplaram, em alguma medida, a produção da jornalista (Henn, 2006, 2013; Ireno, 2018), mas uma análise deles (Martinez, 2023) sugere um viés que pode estar relacionado à noção de invisibilidade feminina. Os objetivos desta proposta de pesquisa bibliográfica e documental é o de resgatar a história de vida de Majoy e de seu livro que reúne a cobertura da Segunda Guerra Mundial, *Seguindo a Primavera* (Bittencourt, 1951). Os resultados sugerem que tais resgates podem ser importantes para o acolhimento de relatos de vozes de minorias que incluem, mas não se limitam, à feminina, contribuindo para uma visão mais integral que contemple as narrativas de guerra hegemônicas feitas em grande parte por homens brancos.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Cobertura de Guerra; Mulheres; Jornalistas; Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt

**Fr.** Les recherches sur la couverture de la guerre au Brésil ont montré qu'elle se concentre sur les journalistes masculins (Martinez, 2020). Aujourd'hui encore, dans le pays, l'enseignement et la recherche sur la couverture de la guerre sont surtout évoqués par la guerre de *Canudos* et *Os Sertões*, par Euclides da Cunha (Cunha, 1963) et par la guerre du Vietnam et José Hamilton Ribeiro, alors correspondant du magazine *Reality* (Ribeiro, 1968). Cependant, les études sur les reporters de guerre de la Seconde Guerre mondiale, même les hommes, sont rares. Cependant, pour la première fois de son histoire, les médias brésiliens ont alors envoyé une douzaine de journalistes rémunérés accrédités par l'armée brésilienne pour couvrir les troupes du Corps expéditionnaire brésilien, FEB. Parmi eux, la journaliste Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt (1896-1995), plus connue sous le pseudonyme Majoy pour *United Press* (UP). Certaines études ont envisagé, dans une certaine mesure, la production du journaliste (Henn, 2006, 2013 ; Ireno, 2018), mais leur analyse (Martinez, 2023) suggère un biais qui pourrait être lié à la notion d'invisibilité féminine. Les objectifs de cette proposition de recherche bibliographique et documentaire est de sauver l'histoire de la vie de Majoy et de son livre qui rassemble la couverture de la Seconde Guerre mondiale, *Seguindo a Primavera* (Bittencourt, 1951). Les résultats suggèrent que de tels sauvetages peuvent être importants pour recevoir des rapports de voix de minorités qui incluent, mais sans s'y limiter, les femmes, contribuant à une vision plus intégrale qui envisage les récits de guerre hégémoniques faits en grande partie par des hommes blancs.

**Mots clés :** Jornalismo ; Couverture de guerre ; Femmes; Jornalistas ; Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt

**En** Research on war coverage in Brazil has shown that it is focused on male journalists (Martinez, 2020). Even today, in the country, teaching and research in war coverage are mostly referred to by the *Canudos* war and *Os Sertões*, by Euclides da Cunha (Cunha, 1963) and by the Vietnam war and José Hamilton Ribeiro, then correspondent for the magazine Reality (Ribeiro, 1968). However, studies on World War II war reporters, even male ones, are scarce. However, for the first time in its history, at that time the Brazilian media sent around 12 paid journalists accredited by the Brazilian army to cover the troops of the Brazilian Expeditionary Force, FEB. Among them, the journalist Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt (1896-1995), better known by the pseudonym Majoy for the United Press (UP). Some studies contemplated, to some extent, the journalist's production (Henn, 2006, 2013; Ireno, 2018), but an analysis of them (Martinez, 2023) suggests a bias that may be related to the notion of feminine invisibility. The objectives of this bibliographical and documental research proposal are to rescue Majoy's life story and her book that brings together the coverage of the Second World War, *Seguindo a Primavera* (Bittencourt, 1951). The results suggest that such rescues may be important for receiving reports from voices of minorities that include, but are not limited to, the female, contributing to a more integral vision that contemplates the hegemonic war narratives made largely by white men.

**Keywords:** Journalism; War coverage; Women; Journalists; Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt

**Es** La investigación sobre la cobertura de guerra en Brasil ha demostrado estar centrada en los periodistas de sexo masculino (Martinez, 2020). Aún hoy, en el país, la enseñanza y la investigación sobre la cobertura de guerra se enfocan principalmente en la Guerra de Canudos y *Os Sertões* de Euclides da Cunha (Cunha, 1963), y en la Guerra de Vietnam y José Hamilton Ribeiro, entonces corresponsal de la revista Realidade (Ribeiro, 1968). No obstante, los estudios sobre reporteros de guerra de la Segunda Guerra Mundial son escasos, incluso aquellos sobre periodistas varones. Sin embargo, por primera vez en su historia, los medios de comunicación brasileños enviaron en aquella época cerca de 12 periodistas pagados y acreditados por el ejército brasileño para cubrir las tropas de la Fuerza Expedicionaria Brasileña, FEB. Entre ellos se encontraba la periodista Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt (1896-1995), más conocida por la United Press (UP) por el seudónimo "Majoy". Algunos estudios han analizado de algún modo la producción de la periodista (Henn, 2006, 2013; Ireno, 2018), pero un análisis de estos estudios (Martínez, 2023) sugiere un sesgo que puede estar relacionado con la noción de invisibilidad femenina. El objetivo de esta propuesta de investigación bibliográfica y documental es recuperar la trayectoria de Majoy y de su libro *Seguindo a Primavera* (Bittencourt, 1951), que recoge su cobertura de la Segunda Guerra Mundial. Los resultados sugieren que estos esfuerzos de recuperación pueden ser importantes para acoger las voces de las minorías, incluidas las de las mujeres, entre otras, contribuyendo a una visión más integral que tenga en cuenta las narrativas hegemónicas de la guerra, escritas en gran parte por hombres blancos.

**Palabras clave:** periodismo; cobertura de guerra; mujeres; periodistas; Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt.